

WORLD HISTORY: COISA DE GRINGO OU UMA OPORTUNIDADE? NOTAS SOBRE A HISTORIOGRAFIA AMERICANA*

Robert W. Wilcox

Northern Kentucky University – Highland Heights, Kentucky, EUA.

Este artigo examina um campo de história que está crescendo em importância nos Estados Unidos. Respondendo ao papel crucial dos Estados Unidos nos assuntos globais durante as últimas décadas, o ensino da história mundial (World History) tem chegado a ser uma prioridade para muitos departamentos de história nas universidades e escolas do país. A percepção é de que aos estudantes americanos falta uma perspectiva global para compreender as relações internacionais apresentadas pela globalização e o papel de sua nação no mundo. O objetivo é de fazer mais amplo o conhecimento dos alunos, examinando as complexidades e interações das variadas regiões na história, e também estimular a indagação do governo e dos homens de negócio no sentido de seus programas de ação que deixam de considerar as preocupações de outros povos ao redor do globo. Isto não tem sido fácil, como por natureza a história mundial tem muitas perspectivas, mas o campo tem crescido suficiente para chegar como um ramo de estudo de valor e até libertante que merece atenção sincera entre historiadores no Brasil.

Palavras-chave: História Mundial, Historiografia Americana, Globalização.

This article discusses an increasingly important field of historical study in the United States. Largely in response to the expanding pivotal role of the United States in global affairs over the past few decades, teaching the history of the world has become a priority for many history departments in the country. The view is that students in the United States lack a global perspective to understand increasingly complex international relations posed by globalization and the role of their nation in the world. The objective is to broaden the knowledge of students by examining the complexities and interrelations of the many world regions over history, as well as to stimulate them to question their government and business leaders for policies that fail to take into consideration the concerns of other peoples around the globe. This has not come easily, as by its nature world history is examined from many different perspectives, but it has grown to become accepted as a valuable and liberating approach to the study of history and merits serious attention among students of history in Brazil.

Keywords: World History, American Historiography, Globalization.

* A maior parte deste tema foi abordada primeiro numa palestra no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em Dourados, em junho de 2001. Agradeço muito aos meus colegas e ao público pelos comentários e as sugestões. Também sou muito grato pela grande ajuda que o professor Paulo Cimó Queiroz, da UFMS/Dourados, me prestou ao corrigir meu português "gringoizado". Assim estou sempre aprendendo.

Como sabemos nós que habitamos o mundo do estudo da história, a historiografia é bem variada, com muitas tendências de examinar o passado. No estudo da história nas últimas décadas, a maioria das tendências tem origem intelectual na Europa ou nos Estados Unidos, sendo dominantes as escolas francesas e americanas. Mas dentro de cada parâmetro “nacional” da historiografia predominam temas variados: por exemplo, as histórias sociais e das mentalidades têm origem na França, enquanto as histórias da fronteira e do meio-ambiente têm os Estados Unidos como lugar de nascimento. Porém a importância destes enfoques os levou a se difundirem por todo o mundo, com resultados criativos em lugares distintos ao redor do globo. Mas ultimamente as formas de olhar o passado aumentaram muito, com tendências dentro de outras surgindo e conquistando espaço no campo da historiografia. Entre muitos, podemos apontar a história da mulher, ou mais bem do gênero, da criança, da sexualidade (como *queer studies*), do meio-ambiente, história urbana, os estudos étnicos, da paz e de direitos humanos, do racismo e intolerância em geral etc. Mas um estudo da história relativamente novo, que há algumas décadas começou a ganhar influência nos Estados Unidos, embora não tanto em outros países ainda, é a *World History*. Como acho este campo da história pouco conhecido ainda no Brasil, minha intenção aqui é esboçar o desenvolvimento do estudo histórico da terra inteira e explicar sua importância para o mundo historiográfico americano e, espero, brasileiro. Mas como o campo está crescendo rápido, quase diariamente, espero que o leitor compreenda que este artigo é apenas um esboço, feito para familiarizar-se com uma forma de história que acho estimulante e muito influente.

Escrevo *World History* porque não acho uma tradução adequada do nome para o português. Para simplificar a leitura usarei o termo em inglês, intercambiando de vez em quando com um termo que

crio em português, *História Mundial*, reconhecendo os limites do último e sempre aberto para qualquer sugestão alternativa. Também quero esclarecer que estou falando quase exclusivamente do estudo da história mundial nos Estados Unidos, ainda que reconheça que existem livros, cursos e princípios de programas em história mundial em outros países, sobretudo no Canadá, Austrália e Inglaterra.¹ Mas a maioria dos programas e historiadores está nos Estados Unidos e, sem a menor dúvida, esse é o lugar onde se acha mais influência sobre a direção do campo. Finalmente, é importante realçar no início que o programa de história mundial é complicado, não menos porque os protagonistas deste gênero de história geralmente são idealistas, pouco conformes com muitas ações dos governos americanos, e que querem informar seus estudantes e o público sobre o mundo de modo a tentar inspirá-los intelectualmente e até moralmente a lutar por um mundo mais tolerante, mais justo, e menos conflitivo e perigoso. E infelizmente isso parece um dever mais urgente depois dos horrorosos ataques contra as torres gêmeas de Nova Iorque e o Pentágono em Washington no 11 de setembro de 2001.²

DESENVOLVIMENTO DOS PRIMEIROS CURSOS DA HISTÓRIA MUNDIAL NOS ESTADOS UNIDOS

Como toda a história escrita reflete o presente do escritor e algumas das prioridades da época, podemos dizer que uma gran-

¹ Ainda que não queira dar a entender que historiadores de outros países não fazem a história mundial, é curioso que a grande maioria de tais estudos existe nos países de descendência “anglo-saxã”. Postulo que talvez, e entre várias possibilidades, aqueles países, liderados pelos Estados Unidos, têm uma tradição intelectual recente de tratar com temas universais, fora do âmbito restrito do estado-nação. Mesmo com uma tradição antiga de lidar com temas similares, nas últimas décadas parece que as outras escolas européias, como a francesa, alemã, italiana ou espanhola, se têm concentrado em assuntos domésticos. Mesmo assim, sinto que isso está começando a mudar agora.

² Falarei um pouco sobre a influência dos ataques mais adiante.

de parte da história mundial feita nos Estados Unidos sai da percepção dos historiadores acerca do papel dos Estados Unidos no mundo, este sobretudo depois da Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Antes de 1914, principalmente nos finais do século 19, a prioridade entre os historiadores era explicar o “excepcionalismo” dos Estados Unidos e da Europa – seja pela sua “civilização cristã” ou pela “superioridade cultural/racial” dos descendentes europeus (e, diante da imigração do sul e do leste da Europa, sobretudo os do norte do continente). Esta atitude (também em parte compartilhada pela elite brasileira) dominava o discurso acadêmico até a carnificina da primeira guerra mundial.

Depois do choque da guerra, que abalou os preconceitos europeus sobre sua especificidade cultural, professores americanos buscavam achar uma resposta que pudesse explicar a guerra e o papel dos Estados Unidos nela e no mundo ocidental. Nas décadas anteriores à guerra, a atitude dos dirigentes americanos e também da diplomacia exterior do país tendia a ser de isolamento (mesmo considerando o Caribe como um lago americano), tendo como resultado uma ignorância geral entre a população americana sobre o resto do mundo. Mas mesmo assim os Estados Unidos participaram da guerra (ganhando-a, segundo algumas opiniões) com perda significativa de vidas americanas. Com o armistício de 1918, a percepção do mundo por parte do público americano transformou-se para sempre e os acadêmicos americanos procuraram uma forma de explicar este novo mundo pouco gentil, não somente ao público mas também à elite americana, que levava o país a uma guerra sem compreender totalmente a complicada situação do mundo. Então um curso foi criado no *Columbia College* (depois a Universidade de Columbia – *Columbia University*) em Nova Iorque, chamado “Civilização Contemporânea”, que buscou explicitamente contrariar as análises anteriores baseadas no papel da superioridade de raças no desenvolvimento e destruídas pela guerra.

O curso era uma forma de definir e promover a unificação cultural dos Estados Unidos, mas baseada na herança da cultura européia, que herdou sua cultura/civilização dos Babilônios, Egípcios, Gregos, Romanos etc. Era um curso que promovia a idéia não da superioridade da raça européia, mas da importância da “civilização ocidental” no desenvolvimento do mundo moderno e o papel importante dos Estados Unidos nesse desenvolvimento. Foi um sucesso extraordinário. O curso se espalhou por muitas outras universidades através dos anos e tem dominado o palco do ensino da história mundial até dias recentes, tanto que hoje a maioria das universidades americanas ainda tem um curso similar e que existe em muitos outros países, inclusive no Brasil.

Mas depois de mais outro cataclismo (a Segunda Guerra Mundial) a perspectiva mudou mais um pouco. Com a Guerra Fria e a descolonização na África, na Ásia, no Caribe etc., novas perguntas e, mais importante, novas respostas estimularam a criação ou crescimento de estudos regionais. Cursos de graduação e depois de doutorado na história da África, Ásia e América Latina surgiram na maioria das universidades entre 1950 e os anos 1960. Mas com as manifestações universitárias e o movimento anti-*establishment* da década dos 60, foi percebido que tais cursos não tratavam do mundo como um todo, requerendo mais outra visão – uma que fosse percebida como mundial. Isso abriu espaço para a entrada da chamada “escola de Chicago”, da Universidade de Chicago, na cena da historiografia.

Os professores do departamento de história da universidade, guiado por Lefton Stavrianos, William McNeill e Phillip Curtin, entre outros,³ criticavam duramente a relevância da história mundial praticada na época, concentrada ainda na visão da Europa como centro da civilização mundial. Mas como tinham interesses

³ Ver na bibliografia seleta as citações específicas dos historiadores mencionados.

diversos, os professores de Chicago tomaram várias direções. Stavrianos argumentava que a civilização ocidental era somente uma civilização entre outras, e que devíamos estudar todas as civilizações e menos a do Ocidente porque ao longo de toda a história humana o papel do Ocidente era recente e de curto prazo. Também, para melhor estudá-las ele dividiu as civilizações, examinando cada uma por si mesma e tentando compreender eventos contemporâneos através das suas raízes históricas. Por sua parte, William McNeill, reagindo ao problema americano de pouco emprego para historiadores na década dos 60, achava que o próprio estudo da história era o culpado pela crise, principalmente por causa da especialização, falta de síntese em pesquisas, e irrelevância dos temas altamente eurocêntricos. Então McNeill argumentou no seu livro agora clássico, *A Ascensão do Ocidente (Rise of the West)*, por uma história de civilizações interagindo culturalmente, principalmente as “euroasiáticas”, até a ascensão econômica e política do Ocidente depois de 1500. Para McNeill, o ensino da história teria que ser bastante cronológico. O impacto de McNeill foi tão profundo que até hoje o livro é usado em muitos cursos de história mundial ao redor dos Estados Unidos.

Em contraste, Phillip Curtin não se conformou com os temas da *World History*. Tentou procurar fios ao longo da história que pudessem explicar a interação humana. Nisso, Curtin e seus estudantes tentavam fazer uma história comparativa, concentrando-se nas influências do comércio internacional, transmissões de doenças pelo mundo, papel das plantações na história mundial etc. Com Stavrianos, McNeill e Curtin, até os anos 1970 a “escola” de Chicago e uns poucos outros historiadores dominavam a direção do ensino dum campo de história ainda em formação.⁴

⁴ Cabe ressaltar que um historiador que merece menção aqui é o famoso francês Fernand Braudel. Braudel escreveu sua obra magna *Mediterrâneo* nos anos 50, abordando temas essenciais fora da perspectiva tradicional,

Mas parcialmente em resposta às influências políticas nos Estados Unidos, criadas pela Guerra Fria e a demonização de outros países e culturas, e uma nova onda de anti-imigração, nos anos 1980 se formou a Associação de História do Mundo (*World History Association*), com o objetivo de unir professores de história mundial nas universidades e colégios. O problema era melhor apresentar a história ao público americano, um público notório por sua carência de interesse na história que não fosse a mitologia do “caso especial” da experiência americana ou da guerra (sobretudo a Guerra da Secessão). Como as situações anteriores, para os historiadores que colaboraram na formação da associação o objetivo chegou a ser um imperativo moral de educar o público. Mas justamente pelas mesmas razões pelas quais a associação se formou, os anos 1980 não ofereceram condições propícias e a entidade recebeu pouco apoio dos políticos, do público e mesmo da profissão de história. Mesmo que o número de cursos em *World History* se tivesse expandido lentamente por várias universidades do país, para muitos historiadores americanos a *World History* foi vista como ampla demais, com mínima definição dos processos complexos de todas as sociedades, uma crítica que os próprios historiadores do mundo reconheciam como parcialmente válida.

Com a mudança na perspectiva no mundo começando nos anos 1990 e a queda do muro de Berlim, o país começou a olhar mais para fora, abrindo uma oportunidade para a associação ganhar um pouco de influência no ensino do país. Devido à falta de conhecimento da história por parte dos alunos dos colégios se-

como a geografia, climatologia e ecologia. Ele também escrevia sobre a necessidade de olhar mais além do mundo ocidental, demonstrada nos seus trabalhos sobre a civilização e o capitalismo. No entanto, Braudel não foi conhecido pela maioria dos historiadores americanos até os anos 60 e 70, e mesmo agora tem influência limitada na historiografia americana (ainda que seja bem conhecido entre historiadores da *World History*).

cundários do país, seja do mundo ou dos Estados Unidos mesmo⁵, em 1994 foram criados os “padrões nacionais em História Mundial” (*National Standards on World History*), com incentivo do governo federal. Junto com uma discussão ainda maior sobre os padrões de ensino da história dos Estados Unidos, um comitê formado por professores de escola e historiadores profissionais tentou sugerir um padrão de temas e periodização para a história ensinada nas escolas americanas. Isso marcou um momento crítico no ensino da história do país porque efetuiu, realmente pela primeira vez, uma colaboração íntima entre professores universitários e das escolas e colégios secundários, e produziu um documento bem profundo. Mas também atraiu bastante polêmica, inclusive a ira de muitos, sobretudo legisladores conservadores, porque levou à luz do dia as várias perspectivas no estudo da história – americana e mundial – e sublinhou os pontos fracos da história tradicional americana da celebração do excepcionalismo dos Estados Unidos. Contudo, no final das contas a polêmica serviu para unir professores de *World History* e também colocar o debate no âmbito público, atraindo atenção à necessidade do ensino da história mundial (pelo menos para muitos), de modo que hoje a *World History* faz parte de quase todos os cursos de graduação nos colégios secundários e muitas universidades americanas.

TIPOS DE HISTÓRIA MUNDIAL

Com tudo isso, o leitor pode imaginar que o ensino da história mundial tem evoluído bastante nos últimos anos, principalmente na última década e pouco. Como é de imaginar, o campo tem vários ramos de estudo e suponho que podemos esperar mais

⁵ Mesmo hoje em dia muitos dos alunos dos colégios secundários americanos nem sabem em qual época estourou a luta sangrenta da Guerra da Secessão, uma parte da história americana tão salientada!

no futuro. Mas, neste instante, identifico cinco tendências maiores no estudo: a história interregional, os chamados Sistemas-mundo (*World Systems*), a história comparativa, a história temática e a história ambiental (ou do meio-ambiente). Nenhuma destas linhas é exclusiva, pois muitas incorporam livremente partes das outras, mas são perspectivas que é possível identificar como as maiores tendências dos praticantes.

HISTÓRIA INTERREGIONAL

Neste tipo de história, se identifica uma região do mundo que é geograficamente integrada mas inclui várias “civilizações”, culturas, nações, por exemplo: a bacia do mar Mediterrâneo, o mesmo do oceano Índico, o mundo austral (“*southernization*”), Eurásia, o “complexo de plantações”, regiões de pandemias, o mundo atlântico (principalmente em termos da escravidão) etc. A intenção deste tipo de história mundial é estudar e tentar compreender a história do mundo como integração e processo de empréstimos entre sociedades de uma região na íntegra. Esta perspectiva sustenta que os empréstimos, sejam econômicos, culturais ou outros, têm tido muita influência na história, não só nas regiões mesmas, mas muito além e até nossos dias. Os maiores protagonistas deste tipo de história são Braudel, McNeill, Curtin, Alfred Crosby e Marshall Hodgson, entre outros.

SISTEMAS-MUNDO (WORLD SYSTEMS)

Aqui achamos uma perspectiva similar à história interregional, com as mesmas intenções, mas que tenta colocar as interações no mundo inteiro e através de um longo tempo histórico. Immanuel Wallerstein é o primeiro historiador a falar explicitamente em “sistema-mundo”, e ele uniu o mundo desde 1500 numa relação econômica dominada pelo desenvolvimento do capitalismo na Europa. Outros que subscrevem geralmente o conceito ar-

gumentam que as ligações começaram antes, baseadas principalmente no comércio entre Ásia, Europa e África na época da Idade Média (ou mesmo antes, na época dos impérios Romano e Han), sobretudo o marítimo. E até alguns historiadores acham que o sistema se formou muito antes, faz uns 5000 anos. O argumento apresentado é o de que, como existiam vários centros dentro do sistema mundo,⁶ o mundo foi mais bem *policêntrico* e interdependente (sem considerar as Américas e Oceania), pelo menos até aproximadamente 1800, quando a Europa começou a dominar.⁷ Além da discussão sobre épocas, outros acham que o sistema mundo abrange mais que a economia, sobretudo geografia e cultura, mostrando como exemplo o sistema mundo do Islã, que se estendeu desde as Ilhas Filipinas no oriente até a península ibérica no ocidente. Os mais conhecidos historiadores neste ramo são Wallerstein, Andre Gunder Frank, Eric Wolf, Janet Abu-Lughod, Christopher Chase-Dunn e, nos últimos anos, William McNeill.

HISTÓRIA COMPARATIVA E TEMÁTICA

A perspectiva dos sistemas-mundo causou uma resposta de historiadores que acentuam a abordagem comparativa e temática no estudo. Seu argumento é simplesmente que os sistemas-mundo ou civilizações são amplos demais e não definem suficiente-

⁶ Uso *sistema-mundo* em referência ao trabalho de Wallerstein, e *sistema mundo*, sem hífen, como usam os historiadores que aceitam o conceito em geral, mas não o eurocentrismo de Wallerstein.

⁷ Aqui existe a suposição de que, apesar das colônias européias nas Américas, Australásia e África, a maior parte do comércio mundial era dominada pela Ásia até 1800, e somente com a Revolução Industrial a Europa começou a dominar os intercâmbios mundiais. Ver Robert B. Marks para uma explicação sucinta deste ponto de vista e também um argumento contra a perspectiva da ascensão do Ocidente como árbitro na trajetória da história mundial antes daquela data.

mente a complexidade da experiência humana. O que é preciso é identificar temas e fazer comparações através de sociedades. Um tema predileto ultimamente aborda a questão do desenvolvimento na Europa e na China, investigando as semelhanças e diferenças entre essas sociedades, sobretudo nos séculos 17 e 18, que influenciavam desenvolvimentos distintos. Os protagonistas mais conhecidos neste assunto são R. Bin Wong e Kenneth Pomeranz. Outros temas tratados pelos historiadores comparativos incluem a raça e o racismo, a democracia, tecnologia, comércio etc. Como sabemos, muitos historiadores já fazem este tipo de história num sentido limitado, mas o que os seguidores querem é que o método seja aplicado numa escala mais ampla no espaço e no tempo. Além de Wong e Pomeranz, os nomes mais conhecidos que praticam história comparativa são Curtin, Hodgson e Michael Adas.

HISTÓRIA AMBIENTAL

Relativamente nova, a história ambiental (ou do meio-ambiente) realça a importância do meio-ambiente na história. Os temas são amplos, abrangendo por exemplo as doenças, clima, e como as mudanças na ecologia têm tido grande influência sobre onde e como os seres humanos vivem através da história. As investigações também têm mudado o estudo da história mundial no sentido de ter em conta as influências ambientais no curso da experiência humana, sobretudo nas Américas. Estes historiadores argumentam que, sem compreender essa perspectiva, não podemos compreender muitas decisões tomadas pelos protagonistas de grandes acontecimentos humanos, seja na povoação, migração, guerra etc.

Por exemplo, uma análise recente traz o argumento convincente de que a expansão do colonialismo e capitalismo na África, Ásia e América Latina, no século 19, foi facilitado enormemente pelos efeitos do *el Niño*. O fenômeno climático causou as secas e as fomes correspondentes, que conduziram a um emp-

brecimento na Índia, no oeste da China, partes da África e mesmo no nordeste brasileiro, que deixou aquelas regiões suscetíveis à pobreza e subseqüentemente à fácil entrada do capitalismo moderno por parte dos poderes coloniais.⁸

No final, muitos destes historiadores olham o mundo que habitamos hoje com muita preocupação, observando que todos os problemas ambientais que sofremos têm precedente na história e que devemos aplicar essas lições à nossa sociedade mundial se não queremos um desastre de proporções massivas no século 21, seja ambiental diretamente ou outro como guerra(s) iniciada(s) pela luta por recursos limitados (água, petróleo, terra para cultivar etc.). Braudel, Alfred Crosby, Curtin e William McNeill foram alguns dos pioneiros nesta linha, mas têm surgido muitos outros nos últimos anos e da geração nova de historiadores, entre os mais conhecidos sendo Davis, John McNeill, Clive Ponting, Richard Grove e Ramachandra Guha.

Como podemos ver, muitos destes tipos de história têm vínculo um com outro. Vários historiadores fazem mais de uma “forma” de *World History*, o que já era de esperar, pois a história é realmente a união de vários processos. Acho isso muito saudável, mas também é complexo, e para muitos, inclusive historiadores, às vezes confuso. Neste sentido, devemos olhar um pouco os problemas e obstáculos do estudo da *World History*.

PROBLEMAS E OBSTÁCULOS NO ESTUDO DA HISTÓRIA MUNDIAL

Na realidade, um problema difícil é achar uma posição fixa na historiografia da História Mundial. Poucos argumentam que a *World History* não tem lugar nos estudos da história, mas a questão é: que lugar, e com qual justificação? E o que devemos estudar,

⁸ Ver Mike Davis, *Late Victorian Holocausts*.

o que deixar de lado, o que sublinhar, etc.? Ironicamente, isto também nos leva a sua relevância.

RELEVÂNCIA

A discussão de relevância gira em torno da questão de qual tipo de história tem mais “valor” para os cidadãos de hoje. Ou seja, a História Mundial ou a história do Ocidente? Qual é a justificativa para uma ou outra? De fato, uma das críticas mais severas à *World History* continua sendo a de que o campo é simplesmente muito amplo e não chega a explicar o que os estudantes de hoje devem saber da sua sociedade. Neste argumento, os alunos devem compreender o conceito das origens da sociedade americana, que é uma parte fundamental da civilização ocidental, que manifesta os maiores valores ocidentais etc., chegando à conclusão de que os Estados Unidos são sem dúvida do Ocidente (se não seu epítome). A resposta, aliás, é que os Estados Unidos não são mais uma cultura única (se uma vez foi), mas um país de imigração de todas as partes do mundo, e, como a potência econômica e militar mais forte da história, goste ou não, está bem inserido no mundo inteiro. Ao mesmo tempo, é um país que lidera um mundo cada vez mais interligado, e os cidadãos americanos merecem saber mais do que apenas a história ou cultura dos Estados Unidos ou da Europa. Com os eventos de 11 de setembro de 2001, o debate se aprofundou, principalmente no tema da globalização.

No assunto da “globalização” refiro-me especificamente àquele processo econômico que domina a discussão de hoje e que provoca tantas reações, positivas e negativas, pelo mundo todo. A maioria dos historiadores do mundo acha que os protagonistas de um lado ou outro abordam uma polêmica cega da história, pois o mundo, pelo menos desde a época dos Impérios Romano e Han da China, tem uma experiência continuada de interligações e intercâmbios, sobretudo comerciais, que tocava todos os lugares do globo, com exceção das Américas, Oceania e partes do sul da Áfri-

ca. E mesmo se falamos de uma época mais recente, desde a Revolução Industrial até nossos dias, é difícil falar de um mundo que não foi “globalizado”. Mais uma vez, usando a terminologia da globalização hoje como algo distinto e novo na experiência humana, é de presumir que vivemos num mundo especial e diferente do mundo de nossos antepassados, algo que muitos historiadores discutem claramente. Mas com isso, podemos imaginar que a questão da periodização tem muita importância e gera também sua polêmica.

PERIODIZAÇÃO

Dentro do campo existe a discussão sobre a periodização da história mundial, sempre um problema difícil de resolver, pois poucos concordam em como colocar a história do mundo no tempo. Alguns usam a experiência do ensino da história européia, seguindo pontos marcadores como as civilizações gregas e romanas, a ascensão do cristianismo, o Século das Luzes, as Revoluções Industrial e Francesa etc. Outros tentam levar os estudos para mais longe, incorporando também as civilizações antigas da África e das Américas. Outros mais consideram outras culturas como melhores padrões do tempo, como as várias expansões da China, a difusão das religiões asiáticas como o budismo, a civilização Islâmica etc.

Outro aspecto não exclusivamente da periodização, mas igualmente importante em sentido de tempo, é a compreensão entre os historiadores de que realmente não é possível definir com tanta segurança e regularidade o tempo na história porque os eventos do passado (como os de hoje) não eram inevitáveis, mas produtos de uma combinação de coisas. Aqui falamos de “conjunturas” ou “contingências”, eventos ou combinações de circunstâncias normalmente separadas no tempo que se juntam, levando a história numa direção nada antecipada na época e nem óbvia olhando para trás. Exemplos disso são as doenças como a peste bubô-

nica ou a varíola, que devastaram milhões de pessoas na Europa, na Ásia, no Médio Oriente e sobretudo nas Américas, e a forma particular como se desenvolveu a Revolução Industrial, sobretudo na Inglaterra, onde uma combinação de influências (algumas iniciadas pela, outras fora do controle da ação humana) facilitou a ascensão daquele país como a primeira sociedade industrializada do mundo. Muitos historiadores do mundo acham que a história do planeta deve muito a este tipo de sorte ou azar, e que o estudo dos “acidentes” da história merece consideração maior que aquela que normalmente lhe damos, sobretudo porque muitas vezes mudaram profundamente o ritmo da direção histórica, em algumas regiões e até mundialmente.

Mas apesar disso e das diferenças de perspectiva entre historiadores do mundo, uma coisa em que a maioria concorda é que o mundo tomou outro ritmo depois de 1500 (ou pelo menos 1800), quer isto seja produto de acidente ou não, e que o Ocidente jogou um papel crucial a partir de então. E isto mesmo se a interpretação de quais pontos foram mais salientes, na ascensão do Ocidente, são ainda discutíveis, coisa que também se discute no caso do papel do espaço no estudo da história mundial.

O ESPAÇO NA HISTÓRIA MUNDIAL

No problema do papel do espaço, a discussão gira em torno de regiões *versus* história global. Tradicionalmente, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, a história tem sido estudada e escrita em termos de regiões. Seja a história da Europa ou de países específicos como a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, o Brasil etc. (que são produtos diretos da formação de nações e do nacionalismo do século 19), ou da Ásia, África, América Latina, o subcontinente indiano, o Médio Oriente ou qualquer outra região, o conceito de região tem predominado nos últimos tempos. Mas existe, mesmo entre os praticantes deste tipo de história (como alguns “brasilianistas”), uma dúvida sobre sua eficácia, principal-

mente no sentido de compreender o mundo como um todo. Sinceramente, se o mundo é tão interdependente por causa da “globalização”, por exemplo, por que continuamos a estudar com microscópio em vez de aplicar uma visão mais ampla? Mas a solução, para historiadores do mundo, não é estudar todas as regiões do mundo, o que obviamente é impossível, mas fazer uma seleção dos eventos e lugares que achamos que tiveram mais impacto na história do mundo. Mas isso leva a quê? Concentrar em algumas regiões, com a exclusão de outras, ou passar por quase todas, usando temas, comparações etc.? A questão é especialmente relevante considerando que, se aceitamos que o Ocidente tem um papel importante em particular a partir de 1500, como vamos olhar o resto do mundo – pelos óculos europeus, como tem sido a história tradicional nos velhos cursos sobre a “Civilização Ocidental”? Será que a saída é voltar novamente à história tradicional?

Felizmente, a questão não é tanto assim. Em quase todos os casos, os historiadores que praticam *World History* nem pensam em reverter à perspectiva dos princípios do século vinte. Reconhecem que habitamos um mundo bem interligado, com vastos intercâmbios de culturas, economias, línguas, genes etc. A questão é mais como organizar a informação de tantas experiências de tantas pessoas que vêm de tantos lugares.

De certa forma isto reflete a sociedade americana de hoje, porque um dos pontos mais salientes da história mundial é o multiculturalismo, uma perspectiva com mais de vinte anos de idade no país e que tem influência em muitos ramos da sociedade americana, desde a educação à política e até aos negócios particulares. Sobretudo, é um ponto de vista que enfoca as condições de inclusão e exclusão numa sociedade supostamente construída numa base de igualdade. A perspectiva multiculturalista olha as múltiplas culturas que existem lado a lado nos Estados Unidos e conclui que a realidade do país de hoje e de amanhã é multicultural, e que todas as culturas têm papéis importantes na função do país,

apesar das reclamações dos conservadores que ainda querem manter a pouco definida “pureza americana”.⁹

Mas, também educadores reconhecem as “origens ocidentais” dos Estados Unidos e consideram que os que ensinam a história mundial não podem (nem querem) rejeitar o papel enorme do Ocidente na formação dos Estados Unidos e do mundo atual. A questão situa-se mais em torno de como fazer a integração eficazmente e com a maior relevância possível. Mas como organizar aquele montão de conteúdos, o volume de informação, e sobretudo informar os alunos nas aulas sem sacrificar o conhecimento de eventos e regiões cruciais na formação do mundo?

ORGANIZAÇÃO

Seguramente para o leitor é óbvio que o historiador tem que fazer escolhas e neste sentido esquecer alguns eventos, lugares, pessoas e dar ênfase a outros. Mas como isso é fundamentalmente uma escolha pessoal, é natural que aquilo a que um professor dá ênfase outro vai deixar de lado. Isso é a ironia de fazer história mundial – queremos incluir o máximo possível, mas para fazer isso devemos sacrificar, muitas vezes mais que queremos. Mas mesmo que os historiadores possam discordar dos detalhes, todos concordam que os escritos e os cursos devem ter alguns pontos em comum. Por exemplo: a) devem ter direção clara, seja com uma perspectiva ou outra; b) não tentar estudar informação demais, para não fazer confusão; c) devem mostrar respeito para

⁹ Devo realçar aqui que um dos pontos extremamente importantes na discussão de “inclusão” e “exclusão” na sociedade americana é a questão racial. Ainda que nem sempre entre no debate especificamente, o racismo é um tema crucial na visão da maioria dos “multiculturalistas” e dos historiadores do mundo. Mesmo que não seja exclusivamente condição dos Estados Unidos, a questão racial permeia quase todas as discussões sociais americanas, seja em forma aberta ou oculta. Assim, o estudo de culturas mundiais naturalmente manifesta um elemento dela.

todas as culturas/sociedades estudadas, sem dar ênfase numa sobre outra sem explicação; d) e nisso, é indispensável passar aos alunos um respeito pelo mundo em si mesmo; e) finalmente, tentar fazer os estudantes compreender as forças que motivaram (e motivam) outras culturas e sociedades, que muitas vezes não foram as mesmas que motivaram a cultura americana ou ocidental. Uma tarefa nada fácil, sobretudo no esquema de ensino de semestres das universidades e escolas americanas, onde o professor tem a boa fortuna de dar aulas sobre cinco a oito mil anos da história do mundo em quinze semanas!

Mais ainda, que papel têm os acontecimentos de hoje nas decisões acerca do que escrever e ensinar? Os atentados aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 abalaram todos no país, até no ensino da história, e reclamam respostas à difícil questão: por que? Sem exagerar, os ataques realçaram de forma intensa o mundo do Islã na imaginação americana, e levaram o público americano a perguntar: “por que eles nos detestam?” Para historiadores do mundo uma outra tarefa agora é explicar uma situação bem complicada, e sobretudo contrariar os estereótipos emitidos principalmente por políticos fáceis no palco público. Embora a maioria dos professores da história mundial ensine sobre o mundo do Islã, poucos ensinam sobre o terrorismo como um tema em si. E nem todos os que trabalham sobre a história do Médio Oriente se dedicam profundamente ao complicado tema do terrorismo islamita. Isto em parte porque, para muitos, definir “terrorismo” é problemático em si, sendo que podemos falar de várias formas de terrorismo, inclusive o do estado, um tema pouco abordado nos círculos políticos americanos.¹⁰ E realmente o terrorismo como

¹⁰ Mas que é bem saliente hoje para muitos ao redor do mundo, considerando a reação marcial do governo americano, uma postura que se expande em sentido do suposto perigo de Iraque, Irã e Coréia do Norte.

praticado pelos atacantes às torres é uma anomalia dentro da história do Islã, um produto de forças fora daquela religião em si e produto de políticas locais e mundiais. Contudo, e talvez porque “terrorismo” (sem falar do tipo) seja algo quase cotidiano em muitas partes do mundo, esse é um tema que devemos considerar seriamente em incorporar a nossos estudos da história mundial. Ao meu ver, para melhor abordar a sua complexidade o tema merece um curso por si, mas de todas as maneiras é mais um assunto para a história mundial. Neste sentido, questões como essas exigem que contemplemos o futuro da *World History*.

O FUTURO

Seria superficial dizer que, com os acontecimentos horrorosos de 11 de setembro (sem mencionar milhares de outros horrores nas últimas décadas), o estudo da história mundial chega a ser indispensável para compreender nosso mundo moderno. Sem dúvida aquele argumento se coloca com muita frequência ultimamente. Como professor de *World History*, obviamente não discuto isso, mas também devemos reconhecer que existe uma perspectiva que vê os ataques como ataques à civilização ocidental, e considera que para fortalecer nossa sociedade ocidental devemos saber do melhor de nós e da civilização que nos formou e que tem dado tanto à humanidade nos últimos séculos.

Ainda que tenha abordado o tema muito antes (em 1997), o cientista político Samuel Huntington escreveu que o futuro do mundo seria uma série de choques de civilizações, principalmente entre a civilização ocidental e a russa, a chinesa ou a do Islã. Como alguns agora dizem que Huntington previu o estado político enfrentado pelos Estados Unidos e o mundo ocidental neste momento (ou pelo menos assim é como muitos dos nossos dirigentes acham), já surge a análise de que devemos conhecer melhor a “nossa civilização” para melhor protegê-la. Este é um debate profundo, com tons fortes da política, e fora do âmbito deste discurs-

so. Em parte, é porque é um pouco cedo ainda, mas seguramente o estudo da *World History* terá que enfrentar aquele argumento, que parece convincente à primeira vista, e discutir sua aplicação e valor, e também sua ética e moral, sobretudo no clima da globalização de hoje.

Mas dentro do campo, como se pode imaginar, existem algumas direções novas, ainda que sejam em parte, ao que me parece, expansões ou refinamentos das perspectivas já existentes. Mas o que é digno de notar é que existe uma crescente ligação mais estreita entre o conceito de *World History* e outros campos de estudo, como a Sociologia, a Antropologia e outros. Por exemplo, já surgem as idéias de que existe um fim comum entre a sociologia comparativa e a história mundial, e isso algo mais além de Weber e Marx. Também a influência da antropologia e da etnohistória no estudo dos encontros entre povos e culturas tem mudado um pouco a perspectiva da história mundial, já que historiadores do mundo tentam compreender como as interações entre sociedades e culturas têm impactado as pessoas comuns. A participação da mulher e a grande influência do estudo do gênero nas análises interculturais e comparativas revela muito sobre sociedades através da construção do gênero, e mais ainda como o gênero é construído em todo o mundo. Neste caso a história mundial poderia ter um papel único em unir os estudos sobre gênero no mundo inteiro para melhor compreender a posição da mulher, a família, e das relações entre os sexos e também da orientação sexual na história e, por extensão, na vida de hoje.

Mais ainda, com estas perspectivas entramos na “história global”. Como reação moral os historiadores querem dar uma contribuição à compreensão do desenvolvimento do nosso mundo de hoje, principalmente no sentido da globalização. Pensando assim, eles argumentam que, para melhorar o mundo em que todos nós vivemos, devemos compreender profundamente os últimos 200 a 500 anos da história *mundial*, e não somente de alguns países ou

regiões. Os intercâmbios de outrora e do presente merecem mais atenção que os limitados estudos sobre a Europa, os Estados Unidos ou mesmo a América Latina.

Com isto em mente, alguns historiadores falam da “brecha” (*gap*) entre as sociedades ricas e as pobres (ou entre o “primeiro” e o “terceiro” mundo). Aqui, a moral ou a ética entram no jogo, porque a explicação “tradicional” da ascensão do ocidente não é bem aceita por vários historiadores, começando com o próprio Fernand Braudel. Braudel e outros depois dele viam o sistema mundial até 1800 mais ou menos movido pelos intercâmbios entre a China e a Índia e o resto do mundo, mas que desde 1800 até nossos dias a Europa tem dominado profundamente. A questão aqui é como explicar por que hoje temos uma brecha enorme entre os países ricos e os países pobres, que geralmente na história nunca existiu tanto como em nossos dias. A resposta simples é que a responsabilidade é do capitalismo, em parte a conclusão dos últimos trabalhos de Braudel. Mas Braudel, rejeitando as conclusões dos “tradicionalistas” sobre a especificidade do ocidente, não deu uma resposta definitiva sobre como o capitalismo surgiu primeiro na Europa e não em outras regiões do mundo. Outros, como Marks, argumentam que isso foi o resultado de uma série de conjunturas ou acidentes que deixaram a Europa (e logo os Estados Unidos) como o líder do mundo econômico, começando com o capitalismo do século 19, mas que isso não poderia haver ocorrido sem os recursos do resto do mundo, sobretudo produtos primários extraídos em forma de exploração pelo sistema capitalista e o colonialismo. Com isso, o sistema originário da Europa aprofundou a divisão econômica mundial até chegar ao ponto insuportável de hoje. Historiadores deste ramo do estudo acham que os leitores e estudantes americanos devem conhecer como o ocidente se desenvolveu, nos últimos dois séculos, às custas do resto do mundo, e reconhecer os papéis cruciais que jogavam o Leste e o Sul na história mundial até os tempos recentes. O argu-

mento especificamente demole a perspectiva de que o ocidente tinha e tem algo “especial” que lhe facilitou a riqueza e o domínio político, sobretudo diante da predominância dos argumentos de hoje a favor da globalização e da democracia, os supostos “valores ocidentais”. Significativamente, esse não é um argumento marxista, mas sem a menor dúvida é uma crítica severa do sistema em que os Estados Unidos se deleitam hoje em dia, e reflete os fins morais de muitos historiadores do mundo.

Em outro sentido, uma extensão desta perspectiva é a chamada “história grande”, em que os protagonistas argumentam que para compreender a história do ser humano é preciso estudar todos os aspectos no sentido do universo, aplicando diversas análises dos campos de estudo como biologia, geologia, astronomia, arqueologia etc. Num sentido esta é uma extensão da história do meio-ambiente ou da ecologia, mas também reflete o movimento crescente que põe ênfase na colaboração com outras disciplinas para compreender mais amplamente nosso mundo do passado. Com tudo isso, podemos imaginar que o futuro da *World History* fica com muito potencial, se bem que complicado. A questão a que chegamos agora, portanto, é se este tipo de história americana tem aplicação no Brasil.

COISA DE GRINGO?

Como o leitor pode ver, podemos argumentar em duas direções. Pela sua especificidade, a *World History* é uma coisa que bem sai dos Estados Unidos, principalmente porque reflete alguns aspectos da sociedade americana. O multiculturalismo, mesmo sendo um ponto de vista que se estende muito além do continente norte-americano (principalmente na Europa de hoje, ainda que também entre em partes da América Latina nos últimos anos), é um dos pontos mais salientes da história mundial. Também a história mundial não pode rejeitar (nem quer, obviamente) as “origens ocidentais”, o papel enorme do Ocidente na formação do

mundo contemporâneo. E a posição dos Estados Unidos no mundo, como grande potência com poucos impedimentos, sejam econômicos ou militares, deixa muitos historiadores bem incomodados e desejosos de educar o público americano em velocidade máxima para lidar delicadamente com os valores e as aspirações distintas dos povos do resto do planeta.

Neste sentido a *World History* vai muito além dos Estados Unidos porque manifesta uma ética global. A história de todos as pessoas e culturas no mundo merece respeito e conhecimento e de uma forma ou outra tudo está ligado, principalmente neste mundo de globalização. Os historiadores do mundo geralmente acompanham os acontecimentos de hoje com grande empatia aos menos favorecidos (mesmo às reações nativistas que dão ênfase aos vínculos comunais, violentos ou não, sejam no Médio Oriente, Irlanda, Balcãs, Ruanda, Sri Lanka ou entre os aborígenes das Américas, etc.). Neste sentido, historiadores do mundo, talvez num estilo meio pós-moderno, muitas vezes acham que no estudo das variadas experiências humanas, na cultura, na política, na economia etc., não podem descartar nada, ou pelo menos devem aceitar a necessidade de considerar a maioria das possibilidades das ações humanas. E todo o mundo está envolvido, sem distinção da região nem da experiência histórica.

No final das contas, como o Brasil não está isento das vicissitudes da globalização (por mais que a define), e ocupa mesmo uma posição de destaque na América Latina e no mundo, acho que o historiador/educador brasileiro tem uma oportunidade de olhar nessa direção. Para mim, o estudo da história mundial (ou outro nome que convenha melhor) tem grandes possibilidades no país. E existem precedentes. Ainda que o campo seja dominado por historiadores europeus e americanos, também se encontram alguns de outros países, sobretudo da Índia. Os trabalhos de historiadores como K. N. Chaudhuri e Ramachandra Guha, entre ou-

tros, e ainda que geralmente concentrados no sistema mundo do Oceano Índico, têm ajudado muito a orientar a perspectiva do estudo da história na direção do chamado “sul”, em contraponto à dominação do mundo do “norte”, principalmente Europa e os Estados Unidos.¹¹ Na verdade, há vários historiadores brasileiros que estão começando a olhar o mundo com uma perspectiva similar, mesmo escrevendo a história nacional. Isso acho ótimo porque a história, seja regional ou mundial, merece ser estudada e ensinada pelo ponto de vista brasileiro, ou um outro “sul” se se quiser. Tal perspectiva ajudaria não somente os estudantes brasileiros a compreender um mundo que gira mais rápido e com menos segurança a cada ano, mas com uma visão dum Brasil como parte integral deste mundo, que sempre foi. Mais ainda, estou convencido de que a perspectiva do “sul” tem grande oportunidade de revelar informação relevante e pouco conhecida por historiadores não-brasileiros e ao mesmo tempo explicar as prioridades dos povos “menos desenvolvidos” ao mundo do “norte”.

Ainda que eu tenha tocado apenas numa pisca do trabalho e orientações que podemos chamar “*world history*”, como já vimos, a maioria dos estudos sobre a história mundial originam-se na Europa e nos Estados Unidos, e, mesmo escrita e ensinada por pessoas sensíveis às necessidades das regiões menos favorecidas, ela não é completa sem a participação de historiadores que têm uma visão proveniente do local. E mais, perspectivas do sul ajudariam a ampliar o ponto de vista global que os historiadores do mundo estão lutando para implantar no norte.

¹¹ A historiografia indiana recente tem influência da chamada escola “subalterna”, que tem contribuído muito aos debates sobre as causas do subdesenvolvimento no mundo, principalmente dos países que eram colônias dos poderes europeus. Ver por exemplo as contribuições de Partha Chatterjee, Ranajit Guha e do economista Amartya Sen. Também podemos acrescentar Edward Said e seu clássico *Orientalismo*, mesmo que ele não se coloque na escola subalterna especificamente.

Acho isso urgente num mundo que se está integrando e complicando extraordinariamente a cada dia (seja pela “globalização” ou não). Mesmo que a *World History* claramente não seja uma panacéia para os problemas e as complicações do mundo, acredito fielmente que ela oferece um conhecimento e uma perspectiva fundamental para os debates sociais e políticos nos Estados Unidos, na Europa, no Brasil, no mundo inteiro. Neste espírito global peço aos meus estimados colegas brasileiros que considerem seriamente a possibilidade de seguir uma linha do estudo da história que talvez seja suficientemente ampla para enfrentar as complicadas e bem organizadas forças da “globalização” de hoje com estudos e ensino que são realmente “globais”.

BIBLIOGRAFIA SELETA

Nota: Como não estou atualizado com todas as fontes traduzidas em português, espero que para minha facilidade o leitor me permita citar todas as fontes em inglês. Também, como se pode imaginar, a lista é somente uma seleção de uma montanha de trabalhos que tem surgido nas últimas décadas. Mas, para começar, um livro recente que explica detalhadamente o crescimento e as correntes dentro da *World History* hoje (e de que tiro uma boa parte da informação neste artigo) é:

Dunn, Ross E. *The New World History: A Teacher's Companion*. Boston/New York: Bedford/St. Martin's Press, 2000.

Também, um *website* que reúne todos os praticantes desta história num processo de discussões bem informativas (em inglês) é o da “*list*” da H-World, parte da rede da H-Net: <http://www2.h-net.msu.edu/~world>
O *website* da rede da H-net é: <http://www.h-net.msu.net>.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABU-LUGHOD, J. 1989. *Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*. New York, Oxford University Press.

ADAMS, Steven et al. (Ed.). 1998. *World History: Selected Course Outlines and Reading Lists from American Colleges and Universities*. Princeton, N.J., Markus Wiener.

- ADAS, M. 1989. *Machines as the Measure of Men: Science, Technology, and Ideologies of Western Dominance*. Ithaca, NY, Cornell University Press.
- . (Ed.). 1993. *Islamic and European Expansion: The Forging of a Global Order*. Philadelphia, Temple University Press.
- AMIN, S. 1989. *Eurocentrism*. New York, Monthly Review Press.
- BRAUDEL, F. 1973. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. New York, Harper and Row, 2 v.
- . 1981-1984. *Civilization and Capitalism, 15th-18th Century*. New York, Harper and Row, 3 v.
- CHASE-DUNN, C. K. & HALL, T. D. 1997. *Rise and Demise: Comparing World-Systems*. Boulder, Colorado, Westview Press.
- CHATTERJEE, P. 1995. *The Nation and Its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*. Delhi, India, Oxford University Press India.
- CHAUDHURI, K.N. 1985. *Trade and Civilization in the Indian Ocean: An Economic History from the Rise of Islam to 1750*. Cambridge, Cambridge University Press.
- . 1990. *Asia before Europe: Economy and Civilization of the Indian Ocean from the Rise of Islam to 1750*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CLARK, R. P. 1997. *The Global Imperative: An Interpretive History of the Spread of Humankind*. Boulder, Colo., Westview Press.
- CROSBY JR., A. W. 1973. *The Columbian Exchange: Biological and Cultural Consequences of 1492*. Westport, CN, Greenwood Press.
- . 1986. *Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CURTIN, P. D. 1984. *Cross-Cultural Trade in World History*. Cambridge, Cambridge University Press.
- . 1990. *The Rise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History*. Cambridge, Cambridge University Press.
- . 2000. *The World and the West: The European Challenge and the Overseas Response in the Age of Empire*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DAVIS, M. 2001. *Late Victorian Holocausts: El Niño Famines and the Making of the Third World*. London, Verso Press.
- DIAMOND, J. 1998. *Guns, Germs, and Steel*. New York, W.W. Norton.
- FRANK, A. G. 1978. *World Accumulation, 1492-1789*. New York, Monthly Review Press.
- . 1998. *ReOrient: Global Economy in the Aisan Age*. Berkeley, University of California Press.
- . & GILLS, B. K. (Ed.). 1993. *The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?* New York, Routledge.

- GROVE, R. 1995. *Green Imperialism: Colonial Expansion, Tropical Island Edens and the Origins of Environmentalism, 1600-1800*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GUHA, R. 2000. *Environmentalism: A Global History*. New York, Longman.
- GUHA, R. 1997. *Dominance without Hegemony: History and Power in Colonial India*. Cambridge, Harvard University Press.
- HODGSON, M. G. S. 1993. *Rethinking World History: Essays on Europe, Islam, and World History*. Ed. by Edmund Burke III. Cambridge, Cambridge University Press.
- HUGHES, S. S. 1995. *Women in World History*. Armonk, N.Y., M.E. Sharpe, 2 v.
- HUNTINGTON, S. 1997. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York, Simon and Schuster.
- LANDES, D. S. 1998. *The Wealth and Poverty of Nations: Why Some Are So Rich and Some So Poor*. New York, W.W. Norton.
- MCNEILL, J. 2000. *Something New Under the Sun: An Environmental History of the Twentieth-Century World*. New York, W.W. Norton.
- MCNEILL, W. H. 1963. *The Rise of the West: A History of the Human Community*. Chicago, University of Chicago Press.
- . 1976. *Plagues and Peoples*. New York, Anchor Books.
- . 1982. *The Pursuit of Power: Technology, Armed Force, and Society since A.D. 1000*. Chicago, University of Chicago Press.
- MARKS, R. B. 2002. *The Origins of the Modern World: A Global and Ecological Narrative*. Lanham, Maryland, Rowman and Littlefield.
- NASH, G. B. 1997. Charlotte Crabtree, and Ross E. Dunn. *History on Trial: Culture Wars and the Teaching of the Past*. New York, Alfred A. Knopf.
- POMERANZ, K. 2000. *The Great Divergence: China, Europe, and the Making of the Modern World Economy*. Princeton, N.J., Princeton University Press.
- PONTING, C. 1991. *A Green History of the World: The Environment and the Collapse of Great Civilizations*. New York, Penguin Books.
- REILLY, K. 1989. *The West and the World: A History of Civilization*. 2^a. ed. New York, Harper and Row.
- SAID, E. W. 1978. *Orientalism*. New York, Random House.
- SEN, A. 1981. *Poverty and Famines: An Essay on Entitlement and Deprivation*. Oxford, Clarendon Press.
- SMIL, V. 1994. *Energy in World History*. Boulder, Colo., Westview Press.
- STAVRIANOS, L. S. 1981. *Global Rift: The Third World Comes of Age*. New York, William Morrow.

- THORNTON, J. 1998. *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1800*. 2^a. ed. Cambridge, Cambridge University Press.
- WALLERSTEIN, I. 1974-1989. *The Modern World-System*. New York, Academic Press, 3 v.
- WOLF, E. R. 1969. *Peasant Wars of the Twentieth Century*. New York, Harper and Row.
- . 1982. *Europe and the People without History*. Berkeley, University of California Press.
- WONG, R. B. 1997. *China Transformed: Historical Change and the Limits of European Experience*. Ithaca, N.Y., Cornell University Press.

Robert W. Wilcox
E-mail: wilcox@nku.edu.